



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CORDENAÇÃO DE GEOGRAFIA**

LINHA DE PESQUISA: Geografia Urbana

**GEOGRAFIA, ESPAÇO E MEMÓRIA: O traçado urbano de
Guarabira-PB**

EDINALDO FERREIRA DE SOUZA

**GUARABIRA - PB
2011**

EDINALDO FRREIRA DE SOUZA

**GEOGRAFIA, ESPAÇO E MEMÓRIA: O traçado urbano de
Guarabira-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de licenciado em geografia sob a orientação do prof^o. Dr^o. Belarmino Mariano Neto.

**GUARABIRA- PB
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S719g

Souza, Edinaldo Ferreira de.

Geografia, espaço e memória: o traçado urbano de
Guarabira-PB / Edinaldo Ferreira de Souza. – Guarabira:
UEPB, 2011.

45f.: Il. Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto”.

1. Espaço Urbano 2. Cidade 3. Memória
I.Título.

22.ed. CDD 307.76

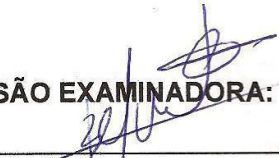
EDINALDO FERREIRA DE SOUZA

**GEOGRAFIA, ESPAÇO E MEMÓRIA: O traçado urbano de
Guarabira-PB**


Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentada ao Curso de
licenciatura plena em geografia da
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB,
em cumprimento aos requisitos
necessários para obtenção do grau de
licenciado em geografia sob a orientação
do profº. Drº. Belarmino Mariano Neto.

Aprovado em: 28/11/2011

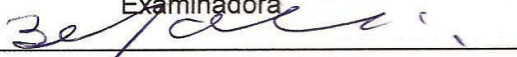
COMISSÃO EXAMINADORA:



Profº Drº Belarmino Mariano Neto - Drº em Sociologia UFPB/UFCG
Departamento de Geografia (UEPB/CH/DG)
Orientador



Profª. Espª. Cléoma Maria Toscano Henriques
(Especialista em Análise Ambiental/UEPB/CH/DGH)
Departamento de Geografia (UEPB/CH/DG)
Examinadora



Prof. Ms. Carlos Antônio Belarmino Alves
Mestre em Educação Ciência e Tecnologia pela Lusofona/Lisboa-PT
Departamento de Geografia UEPB/DG/CH
Examinador

**GUARABIRA - PB
2011**

Dedico este trabalho à minha família, pelo incentivo nos vários momentos durante minha trajetória pela UEPB e pela dedicação incansável em tornar-me uma pessoa mais instruída e preparada para enfrentar as dificuldades da vida real.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por está em todos os momentos da minha vida, sejam eles momentos difíceis ou felizes, pois são nos momentos difíceis que amadureço e enxergo a vida de outra forma. E os momentos felizes ficarão guardados na minha lembrança, na minha história como algo valioso proporcionado por aquele que pode todas as coisas na vida dos que nele quer. Sendo assim sou imensamente grato a Deus por permite-me concluir este trabalho.

Aos meus pais Antonio Severino de Souza e Maria Augusto Ferreira por terem confiado em mim todos os dias, por estarem sempre preocupados como a minha formação educacional em fim, por suas inúmeras contribuições.

Agradecer ao Governo do Estado e a sociedade paraibana que através dos seus impostos, permitiu que me tornasse graduado em geografia através do ensino público promovido pela UEPB.

Aos meus amigos e colegas, em especial: Everton Nunes, Paulo Gilson, Mônica e Marli pela grande força dada a este trabalho e pelo companheirismo e solidariedade na execução de muitos trabalhos durante toda graduação.

Ao professor Belarmino Mariano Neto pelas dicas, sugestões, dedicação, paciência e determinação com a qual mim orientou contribuindo de forma valiosa na execução deste trabalho.

Agradecer aos professores Carlos Belarmino e Cleoma Toscano, pois aceitaram participar de minha defesa, avaliando este trabalho e apontando acertos e sugerindo melhoras em uma critica construtiva.

Agradeço aos professores, que contribuíram muito na minha formação profissional e também pessoal. Obrigada pelo tempo dedicado, pelas aulas e ensinamentos, sempre tão valiosos e proveitosos.

A todo quadro de funcionários que fazem parte da UEPB em Guarabira, contribuindo de forma direta e indireta ao quais exercem um excelente trabalho para o bom funcionamento da instituição a todos vocês, muito obrigado.

A todos que de alguma maneira contribuíram para a realização desse trabalho, em especial a minha noiva Lidiane mesmo tendo entrado em minha vida ao final desta jornada, se fez presente e incentivou este trabalho a cada dia.

“O espaço aparece como um substrato que acolhe o novo, mas resiste às mudanças, guardando o vigor da herança material e cultural” (MILTON SANTOS).

043 - Geografia

GEOGRAFIA, ESPAÇO E MEMÓRIA: O TRAÇADO URBANO DE GUARABIRA PB

Linha de Pesquisa: Geografia Urbana

(Autor) Edinaldo Ferreira de Souza

(Orientador) Prof^o. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB/DG/CH)

(Examinadora) Prof^a. Esp. Cleóma Maria Toscano Henriques (UEPB/DG/CH)

(Examinador) Prof^o. Ms. Carlos Antonio Belarmino Alves (UEPB/DG/CH)

RESUMO

O estudo buscou uma análise geográfica sobre o traçado urbano de Guarabira/PB a partir da memória dos seus moradores, selecionando atores sociais da terceira idade, considerados peças chave na elaboração do estudo. Para tanto, foi feita uma caracterização geográfica e histórica do município de Guarabira. A pesquisa também se fez a partir de imagens antigas, seguindo as trilhas metodológicas da imagem geofotográfica sugerida por Bandeira (2007), em contraste com imagens atuais da cidade de Guarabira. Como recorte espacial, elegeu-se o centro histórico de Guarabira, por guardar em seu traçado urbano, importantes monumentos arquitetônicos, traçados originais de ruas becos e vielas, enquanto demonstrativo de uma espontaneidade na constituição do espaço geográfico guarabirense. O estudo consistiu em um levantamento bibliográfico sobre memória e espaço que conduziu a pesquisa em sua definição conceitual, teórica e metodológica. Autores como Bandeira (2007); Bosi (1994); Cristo (1964); Corrêa (1995); Dantas (2005); Ferraz (2001); Jucá (2003); Le Goff (2003); Melo (1999); Mello (1983 e 1998); Montenegro (2001); Rodriguez (1998); Santos (1996); Silva (1995) e Souza (1996) representaram o principal aporte teórico e metodológico, pois responderam satisfatoriamente ao tema “espaço e memória”, em uma nítida aproximação entre a geografia cultura e a história. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas a partir das quais foi possível construir uma trajetória do traçado urbano da cidade a partir da memória dos moradores de Guarabira. Espera-se que a pesquisa sirva enquanto registro geográfico do traçado urbano de Guarabira, bem como o resgate memorável dos depoentes, que se tornaram sujeitos desse trabalho, pois depositaram importantes fragmentos de suas memórias em um estudo preocupado com as recentes e desordenadas transformações pelas quais passa o centro histórico da cidade de Guarabira.

Palavras-Chave: Traçado Urbano, Cidade e Memória

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Mapa de acesso rodoviário da Paraíba – projeto de abastecimento de água do município de Guarabira/pb. Extraído de Bandeira (2007)</i>	18
Figura 2 - Geofotografia do Centro Histórico de Guarabira. Sem datação. Fonte: Arquivo do Orientador, Maio de 2007.....	22
Figura 3 - Geofotografia do Centro Histórico de Guarabira com destaque para transeuntes. Sem datação. Fonte: Arquivo do Orientador, Maio de 2007.....	23
Figura 4 - Geofotografia do Centro Histórico de Guarabira com destaque para burro de carga. Sem datação. Fonte: Arquivo do Orientador, Maio de 2007.....	30
Figura 5 - Geofotografia do Centro Histórico de Guarabira com destaque para trechos da Avenida dom Pedro II e da Praça Lima e Moura sem pavimentação. Sem datação. Fonte: Arquivo do Orientador, Maio de 2007.....	32
Figura 6 – Imagem do começo da Rua Costa Beiriz, Centro Histórico de Guarabira. Fonte: Arquivo do autor, outubro de 2011.....	33
Figura 7 e 8 – Imagem do empório comercial, Centro Histórico de Guarabira. Fonte: Arquivo do autor e do orientador, outubro de 2011 e maio de 2007.....	33
Figura 9 e 10 – Imagem do Adro da Catedral N. S. da Luz, Centro Histórico de Guarabira. Fonte: Arquivo do orientador, outubro de 2011 e maio de 2007.....	33
Figuras 11 e 12 – Imagem da Praça João Pessoa, Centro Histórico de Guarabira. Fonte: Arquivo do orientador, Maio de 2007.....	38
Figuras 13 e 14 – Imagens da antiga olaria de tijolos de Guarabira e antiga Lavanderia Pública. Fonte: Arquivo do autor, Nov. de 2011.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CARACTERIZAÇÃO GEO-HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE GUARABIRA....	14
2.1 Aspectos Históricos.....	14
2.2 Aspectos Geográficos de Guarabira.....	18
3 MEMÓRIA COMO METODOLOGIA DE ANALISE URBANA.....	22
4 GUARABIRA: TRAJETORIAS URBANAS A PARTIR DA MEMÓRIA	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

[...] O espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente [...] o espaço urbano é também mutável, dispondo de uma mutabilidade que é complexa, com ritmos e natureza diferenciados (CORRÊA, 1995, p. 8).

É sobre essa perspectiva de impressões e mutações espaciais do passado com o presente que o trabalho monográfico denominado: Espaço e memória: O traçado urbano de Guarabira–PB foi desenvolvido. Fruto do desejo de compreender o dinâmico processo de reconstrução ou transformação do espaço urbano guarabirense. Sendo assim a pesquisa do referido estudo foi desenvolvida no centro histórico da cidade em questão, considerando o seu traçado urbano e os desenhos que a cidade ganhou ao longo de sua história.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada a corrente de pensamento geográfico da percepção e da fenomenologia visto que, a principal metodologia para análise, considera que para entender o espaço urbano é importante o uso da memória e a percepção dos antigos moradores de Guarabira. Também por considerar o urbano enquanto um fenômeno em constante processo de transformação a partir de vontades humanas, movidas por interesses econômicos, culturais, políticos e sociais.

Por outro lado, para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizada à aplicação de entrevistas com moradores da área estudada, procurando assim, resgatar da memória dos mesmos a percepção que eles têm a respeito da paisagem da cidade em tempos anteriores e atualmente. As entrevistas foram semi-estruturadas, deixando que cada entrevistado ficasse a vontade para construir seus pensamentos a partir de recordações e vivências urbanas de cada pessoa.

Para tanto, foram considerados atores sociais que estavam e continuam inseridos ao cotidiano do centro histórico da cidade através de “mapas mentais” traçados pela memória de seus habitantes, utilizando-se de diálogos com antigos moradores nos quais o pesquisador serviu como mediador dos diferentes diálogos.

O procedimento metodológico adotado na elaboração deste estudo esteve pautado na geohistoria, na pesquisa de investigação da literatura existente a

respeito da origem da cidade e seu processo de transformação, mudança e construção. Bem como suas implicações na reconstrução do espaço e interferência no cotidiano da sociedade urbana que contribuiu para que Guarabira ganhasse a feição atual.

Para tanto utilizou-se alguns autores como referencial teórico dentre os quais pode-se citar: Ferraz (2001), que trata sobre o “urbano em construção” a partir de um estudo sobre a cidade de Vitória da Conquista no Sul da Bahia. Esta autora contribuiu com a pesquisa, pois ao ler seu trabalho, o mesmo despertou algumas argumentações teóricas e metodológicas para o estudo. Outro importante pesquisador foi Corrêa (1995), o mesmo além de trabalhar na perspectiva da geografia cultural, destaca o espaço urbano enquanto cenário de representações humanas, em redes, hierarquias e forças econômicas responsáveis pela dinâmica urbana.

Considerando a origem dos espaços urbanos, destaca-se que o surgimento de aglomerados, povoações que mais tarde dariam origem às cidades, se deu a partir do momento em que o homem deixou de ser nômade e passou a ser sedentário fixando-se em, um determinado lugar.

A promoção do homem animal a homem social deu-se quando ele começou a produzir, produzir significa tirar da natureza os elementos indispensáveis à reprodução da vida. A produção, pois, supõe uma intermediação entre o homem e a natureza, através das técnicas e dos instrumentos de trabalho inventados para o exercício desse intermédio (SANTOS, 1996, p. 161-162).

Analisando a citação entendeu-se, que para o homem se fixar em um determinado espaço terrestre seria indispensável o desenvolvimento da agricultura a qual, supriria as necessidades de uma nova sociedade sedentária consumista, bem como da construção de habitações. Portanto foi a partir deste momento que o homem passou a transformar o espaço natural forçado pelas novas necessidades do convívio em comunidade.

Enquanto as culturas se associam à terra, intuída da própria raiz do vocábulo, associado a colere que significa colher, ato que pressupõe a atividade agrícola de plantar, as cidades, abrindo caminho para novas realidades sociais e institucionais, imporiam atividades bem mais dinâmicas, como as trocas comerciais, o artesanato, a indústria, e afinal, os serviços (MELLO, 1985, p. 109).

Todas essas realidades sócias impostas pelo convívio citadino contribuíram consideravelmente na transformação ou reprodução do espaço, agora urbano, visto que o mesmo é constantemente alterado pela sociedade em virtude do constante desenvolvimento econômico, tecnológico e social, fazendo com que a cada dia a paisagem urbana seja modificada por tal processo desenvolvimentista.

Tal fenômeno influencia no cotidiano da população urbana fazendo com que elementos tradicionais característicos de um determinado lugar sejam esquecidos e outros incorporados no convívio social. Assim, este estudo busca compreender a dinâmica urbana de Guarabira a partir dessa abordagem teórica que considera o urbano enquanto um processo geohistórico.

Sendo assim, muitos aspectos de nossas cidades que fizeram história em determinado momento são esquecidos, em virtude do dinâmico processo de mudanças, ficando apenas lembranças na memória daqueles que participaram e viveram e ainda vivem e participam da construção espacial do lugar no qual estavam e estão inseridos.

As histórias dos lugares são narrativas imagéticas que envolvem uma composição complexa de sentidos. Uma colagem hipertextual em que memórias, imagens e discursos se aproximam, tramando a urdidura semântica que estrutura a rede interativa entre sujeito, espaço e tempo. A cidade é uma expressão privilegiada dessa colagem em que figuram as múltiplas vezes que anunciam e tecem os seus significados (DANTAS, 2005, p. 15).

Sobre essa perspectiva surgiu a escolha da temática resultante de um desejo incessante de conhecer os aspectos espaciais de Guarabira - PB, mais especialmente do centro histórico palco de várias transformações espaciais ocorridas ao longo de sua história. É certo que muitos aspectos de uma Guarabira de antes estejam impregnados na memória dos habitantes desta cidade que puderam visualizar e contribuir com a dinâmica de uma paisagem completamente diferente da atual.

Portanto, o desenvolvimento deste estudo pretende resgatar da memória dos mesmos resquícios paisagísticos do centro histórico de Guarabira com objetivo de compreendermos seu dinâmico processo de transformação ao logo de sua história, e assim possamos reviver alguns momentos da história do município de Guarabira através da análise dos mapas mentais contidas na memória de seus habitantes.

O trabalho foi desenvolvido em cinco capítulos, sendo o capítulo um (01) a base introdutória da pesquisa, com ênfase para o objeto, objetivos e metodologia adotada; o capítulo dois (02) apresentou uma caracterização geo-histórica do município de Guarabira, considerando os aspectos históricos e geográficos com ênfase para o centro histórico da cidade. O Capítulo três (03) apresentou a base teórica e metodológica do estudo na qual elegeu-se a memória como principal aporte. O capítulo quatro (04) apresentou os resultados e discussões a partir das pesquisas de campo, registros fotográficos e entrevistas. O capítulo cinco (05) consistiu nas considerações finais, em que se ressaltou a importância da memória enquanto resgate do espaço urbano passado e de suas transformações. Nesse sentido, Enquanto considerações gerais, foi importante destacar que o espaço vivido enquanto instância humana, se faz e refaz em traçados urbanos, espaços da memória que melhor se situam pela idade dos mais velhos, nitidamente preocupados com transformações espaciais que degradam o patrimônio arquitetônico existente que é substituído por novas construções.

2 CARACTERIZAÇÃO GEO-HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE GUARABIRA

No presente capítulo foi desenvolvido um levantamento de diversos aspectos históricos e geográficos do município de Guarabira-Pb, com o objetivo de caracterizar a cidade onde se desenvolveu a pesquisa do presente trabalho monográfico, para tanto utilizamos como fonte dados do IBGE (2007), Atlas do Estado da Paraíba, (2003), Atlas do Estado Paraíba (1985), dentre outras fontes de autores locais que abordam a temática a exemplo de Melo (1999), Mello (1998), o pároco Mons. Cristo (1964), Coelho (1945), pois são autores que abordam a questão histórica referente à cidade de Guarabira.

2.1 Aspectos históricos

Guarabira palavra de muitos significados, originária do Tupi-Guarani, expressa as múltiplas características naturais de uma terra exuberante, que durante muito tempo permaneceu intocada pelo homem civilizado. Aqui chegando com sua ideologia capitalista mercantil passa a explorar tal natureza causando descontentamento com os verdadeiros e primeiros donos desta terra (os índios), pois nesta época viviam nas proximidades do atual município de Guarabira os nativos da nação potiguar que expressam a beleza de seu habitat em sua antiga denominação (Guiraobira) que segundo (BATISTA apud MELO, 1999, p. 63) significa: “**Guira** – pássaro; **O** – elevado, grande, monte; **Bira** – árvore, madeira”.

Ainda segundo Mello (1999, p 63-64) outros explicam que os termos (Guira e Bira) podem significar: “Pássaro que come peixe; Rios dos pássaros; Mato das raposas; Arvore dos pássaros”.

Guarabira ou Guarapora moradia dos Guarás que podem está se referindo ao cão selvagem Guará ou à ave de mesmo nome (SANTEAGO apud MELO (1999), p. 64). Já para o pároco Mons. Cristo (1964) em sua obra História da cidade de Guarabira e da Paróquia de N. Sra. da Luz, a define de (berço das garças) como muitos entendidos da língua Tupi. Compartilha da mesma opinião (Coelho 1945 p.1) ao citar o padre Luiz Santiago, pois segundo ele “Guarabira lembra o aparato

pastoso das nossas garças azuis que naquela terra tenha o seu berço” diante desta afirmação Coelho qualifica a toponímia da cidade como “berço das garças azuis”.

De acordo com Melo (1999), por volta de 1641 já existia nas mediações do atual município de Guarabira um aldeamento indígena (Guiraobira). Tal fato é translado da descrição da viagem que o Governador Elias Herckam fez a **Serra da Cupaoba** durante o domínio holandês na Paraíba. Melo (1999) diz que em terras do engenho Morgado pertencente a Duarte Gomes da Silveira, as quais adquiriu através de doação como recompensa pela conquista da Serra da Cupaoba durante o desbravamento desta localidade, que o povoado começa a se desenvolver nas proximidades do engenho onde a prospera atividade agrícola e pecuarista de Duarte começa a formar os primeiros feudos.

Após a conquista da Serra da Cupaoba foram distribuídas sesmarias aos desbravadores com o intuito de povoar a região e dessa forma assegurar a posse das vastas e férteis terras, para tanto era necessário que seus donos desenvolvessem a agricultura e pecuária, atividades produtivas rentáveis da época. Segundo (SOUZA, 1995, p.9) “as terras que compreendia o atual município de Guarabira foram doadas em 1690, ao Pe. Francisco Ferreira, o qual nada fez para que suas terras prosperassem”.

Melo (1999), mas é por volta de 1755 com chegada de José Rodrigues Gonçalves da Costa Beiriz que Guarabira começa a ganhar feição de cidade. Ao chegar aqui Beiriz compra as terras do Padre Ferreira e passa a desenvolver a agricultura canavieira, fixa residência e constrói uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Luz colocando como paráquo seu filho o Padre Cosme.

Em 1755, a 1^o de novembro, em Portugal, o espantoso terremoto, que só em Lisboa, matou mais de 40.000 pessoas e destruiu a cidade, aquele que mais tarde seria o fundador de Guarabira, tomado de pânico ante o cataclismo, protestou junto a Nossa Senhora da Luz, Orago de Beiriz, que se mudaria de Portugal com a família, conduzindo a veneranda imagem. Edificar-lhe-ia uma capela em outra terra não sujeita a abalos sísmicos, e nela morreria. Assim jurou e assim o fez (MELO 1999, p. 58).

No que se refere à fundação do município há duas versões a primeira é que Guarabira tenha sido fundada em 1694 em terras do engenho Morgado, pertencente a Duarte Gomes da Silveira (LEAL e PINTO, s/ano, apud MELO, 1999, p. 57) E a segunda é que o município foi fundado por José Gonçalves da Costa Beiriz,

português que fugiu de sua terra para fazer parte dos primórdios históricos de Guarabira.

O perceptível e promissor desenvolvimento em alguns setores no povoado guarabirense, sobretudo na agropecuária, Comércio e na indústria açucareira, desperta os legisladores a necessidade de transformar a povoação em vila, Sendo assim em 1837 Guarabira passa a categoria de Vila com a denominação de Villa de Independência e em Freguesia através da Lei nº. 17, de 27 de abril de 1837, sancionada pelo presidente provincial Basílio Quaresma Torreão (MELO 1999, p. 67).

É sobre esse elevado progresso e agitado movimento abolicionista do trabalho escravo que a Vila da Independência é elevada à categoria de cidade através da Lei Provincial nº. 841, de 26 de novembro de 1887, sancionada pelo então presidente provincial da Paraíba, Francisco de Paula Oliveira Borges (MELO 1999, p. 71).

Progredindo avultosamente na atividade agrícola canavieira e posteriormente na produção de algodão e sisal, Guarabira começou a desenvolver promissora atividade comercial, fato esse que é intensificado com a chegada da estrada de ferro em 1884, o que segundo (MELLO, 1998, p.21) “fortalecendo-a, a ponto de sobrepujar Mamanguape no litoral, e Areia, no brejo, consolidou liderança comercial transformando em animado centro de trocas” a partir de então Guarabira tornou-se uma cidade pólo mantendo relações comerciais com varias cidades adjacentes.

Depois da inauguração da estrada de ferro (Conde D’Eu) em 1884 e o crescente desenvolvimento do comércio, Guarabira precisava adequar sua infraestrutura pública as novas demandas causadas pelo progresso. Aja visto que a cidade torna-se ponto atrativo de muitos migrantes e não dispunha de serviços públicos compatíveis a nova realidade, porém esse quadro tem uma perceptível mudança durante a gestão do prefeito Augusto de Almeida (1951/1955).

A cidade beneficiou-se da modernizadora administração de Augusto de Almeida que lhe assegurou serviços de monta. Entre eles, conclusão do novo mercado público, implantação do abastecimento de água da cidade, concretização em convênio com o Estado, Fórum Municipal e ainda reformulação da energia elétrica, instalação de galerias, muro de arrimo junto ao rio, e parques, praças e calçamentos de dezenas de ruas as quais a, entre avenida central, intitulada Dom Pedro II (MELLO 1998, p57).

Referente à área territorial até 1935, Guarabira ostentava uma área equivalente a 851 km quadrados possuindo apenas o distrito sede. A partir de 1936 passa a contar com os distritos de (Guarabira, Araçagi, Alagoinhas, Cuité atual Cuitegi, Mulungu e Pirpirituba), divisão que vigora até 1937. Em 1943 Guarabira ganha mais um distrito, o de Contendas, que é criado pela lei estadual nº. 520, de 31-12-1943, esta mesma lei muda o nome de dois distritos, Alagoinhas passa a se chamar Tauatuba e Mulungu a Camarazal. Sob uma nova lei estadual de 1949 Contendas passa a se chamar Cachoeira, e Tauatuba e Camarazal voltam à denominação inicial (IBGE, 2007).

De acordo com dados do (IBGE, 2007) o povoado de pilõezinhos é anexado ao município de Guarabira transformando-se em distrito através da lei estadual nº.652, de 05-12-1951. Mais a partir de 1953 os distritos que compreendia a faixa territorial de Guarabira começaram a se emanciparem politicamente. Primeiro foram Pirpirituba e Alagoinha em 1953, depois foram a vez de Mulungu e Araçagi em 1959, Cuitegi em 1961, por fim Pilõezinhos em 1963 permanecendo apenas o distrito sede e o de Cachoeira desde 1979 aos dias atuais.

Todos esses desmembramentos territoriais segundo (Nascimento, 2007) fizeram com que Guarabira se descaracterizasse fisiograficamente, pois, a cidade é conhecida popularmente como Rainha do Brejo, devido a sua destacável importância comercial que sobre-sai em relação às cidades circunvizinhas. No pensamento da autora Guarabira deixa de ser brejo a partir do momento que é desmembrada de seus distritos tipicamente brejanos se enquadrando assim, na área fisiográfica do agreste paraibano.

Atualmente Guarabira polariza uma área territorial que abrange 26 cidades circunvizinhas, pelo motivo de a mesma possuir uma infra-estrutura bem mais desenvolvida do que as demais, se destacando sobretudo, nas áreas comercial onde o comércio se mostra bastante diversificado e aquecido pelas grandes redes de lojas; na indústria o setor atuante é o têxtil com o grupo (João Rafael) e mais recentemente o alimentício com a empresa (Guaraves) as quais atraem a mão de obra e impulsionam a economia local; no quesito educacional se destaca pela II Região de Ensino e na existência de inúmeras escolas como também, da UEPB e de universidades particulares.

2.2 Aspectos Geográficos de Guarabira

Guarabira está localizada a barlavento do piemonte da Borborema, na Mesorregião do Agreste Paraibano, ocupando uma área equivalente a 165,743 km². Ostenta o 115º lugar em extensão territorial do estado e fica a 96 km de distância de João Pessoa, capital do estado. Atualmente o município faz fronteiras com os municípios de Píripituba ao Norte, Mulungu e Alagoinha ao sul, Araçagi a leste, Pilõezinhos e Cuitegi a oeste. A sede da cidade fica a 97 metros de altitude em relação ao nível do mar, situando-se sobre as seguintes coordenadas geográficas – LATITUDE SUL-6º48'18" A 6º51'11", LONGITUDE OESTE-35º23'18" A 35º39'24". (IBGE 2008). (Figura 1):

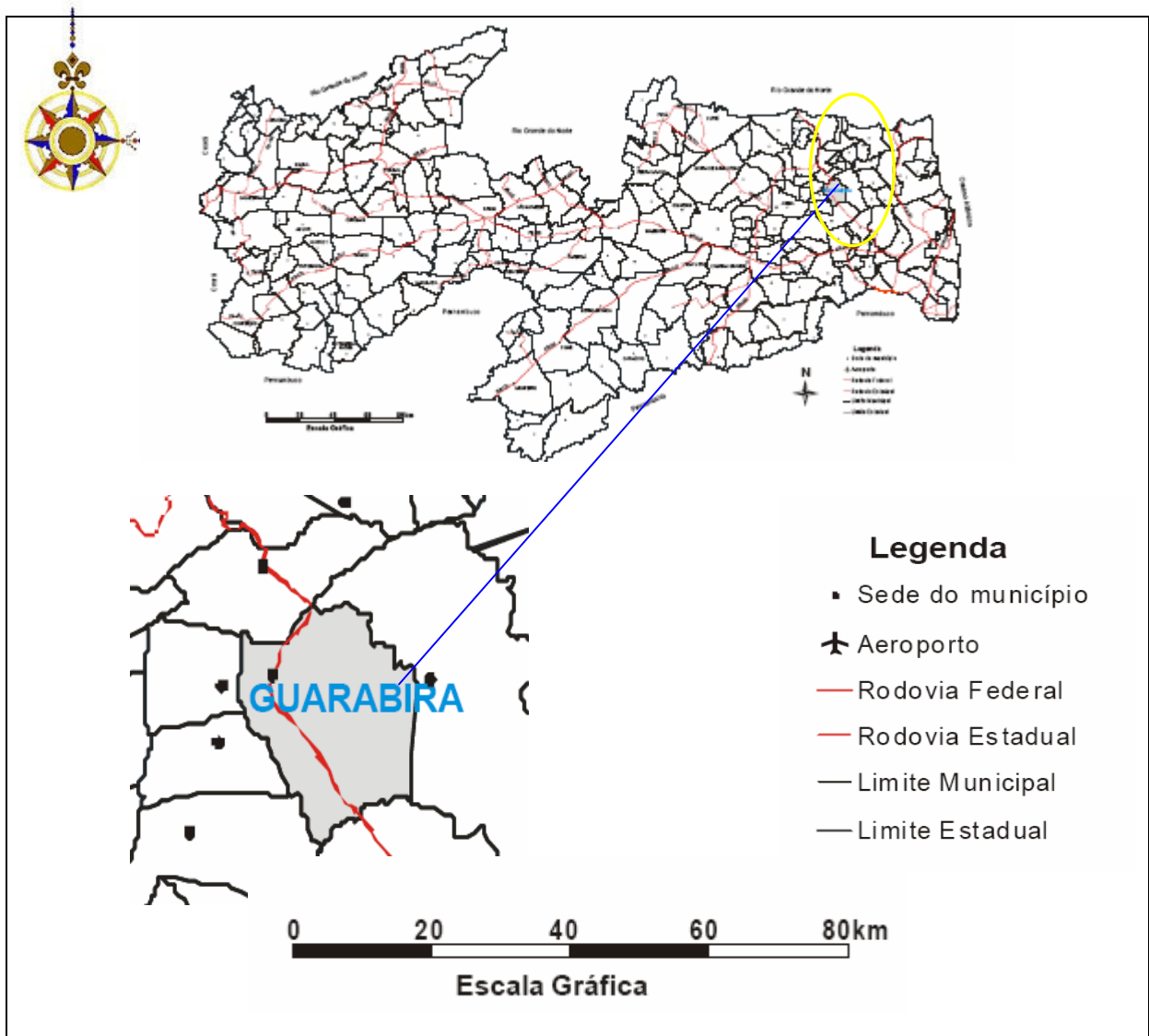


Figura 1 – Mapa de acesso rodoviário da Paraíba – projeto de abastecimento de água do município de Guarabira/pb. Extraído de Bandeira (2007).

Em função de sua localização geográfica, o município de Guarabira exerce destacável influência comercial e educacional sobre os municípios circunvizinhos o que o torna centro atrativo de vários serviços. Tal situação fez com que sua população crescesse consideravelmente nos últimos anos. Segundo dados do (IBGE, Censo, 2010), Guarabira apresenta um total de 55.326 habitantes, sendo que sua densidade demográfica gira em torno de 333,81 Habitantes/km².

Ainda segundo informações adquiridas junto ao IBGE de Guarabira constatamos que o município é comprovadamente um município urbano, pois o percentual da população que vive na zona urbana é de 87,41%. No entanto a população da zona rural possui apenas um percentual de 12,59%. Seu IDH de acordo com os dados do ano 2000 é de 0,659.

Seu relevo está constituído na unidade geomorfológica como “Escarpamento Oriental da Borborema”, que é cedido por morros, serras e cristas que avançam na depressão, formando os primeiros contrafortes orientais da Borborema, constituídos por terrenos cristalinos antigos (Pré-cambrianos). Algumas destas formas destacam-se isoladamente do conjunto do Borborema. Outras estão articuladas ao Escarpamento Oriental do Planalto, configurando o chamado Piemonte da Borborema, com altitude de 200 a 300 metros. A frente oriental do planalto eleva-se para 500/600 metros, formando um escarpamento que se alinha no sentido SW-NE.

Guarabira apresenta um relevo acidentado, dissecado em Mar de Morros, com ocorrência de “Serras e Cristas”. Este compartimento da Borborema, sujeito aos ventos úmidos de sudeste, apresenta um elevado índice pluviométrico (entre 1.300 a 1.500mm), proveniente das chuvas orográficas. As serras contrafortes que se destacam no município são os seguintes: Jurema, Bonfim, Cruzeiro, Topado e Quati. (MELO, 1999).

Geologicamente Guarabira estar situada sobre o complexo cristalino que recobre todo território paraibano, onde ocorre a predominância de rochas metamórficas sobre as rochas magmáticas. As rochas mais antigas deste complexo cristalino formam o complexo gnáissico – migmático - granitóidico de idade Arqueozóica, que é afetado por intrusões de rochas magmáticas: gabros, granitos, basaltos do proterozóico (ATLAS DO ESTADO DA PARAÍBA, 1985).

O clima é tropical (AS') quente e úmido, com duas estações anuais bem definidas (inverno e verão). O período de chuvas se inicia entre os meses de fevereiro e março se prolongando ate os meses de agosto ou setembro com

precipitações girando em torno de 800 mm anuais. O clima adquire características de sub-umidade com cinco meses, em média de estiagem por ano, a uma temperatura média anual de 27°C e umidade relativa do ar 78%. (RODRIGUEZ, 2000, p34).

Por se tratar de um município com uma área territorial relativamente grande e se situar em uma zona de transição entre microrregiões onde, suas diferenças fisiográficas se mostram bastante diversificadas, sobretudo no seu relevo que é cheio de altos e baixos. O que não é diferente na constituição dos solos, pois Guarabira possui uma vasta variedade de solos isto devido às diferenças proporcionais do material orgânico existente sobre seu território. No entanto “os principais tipos de solos que ocorrem em Guarabira são: podzólico vermelho amarelo equivalente eutrófico, litólicos eutróficos, Bruno não cálcio, Planosol Solódico” (PLANO DE DESENVOLVIMENTO URBANO DE GUARABIRA, 1988).

Sua hidrografia faz parte da bacia do Mamanguape. São afluentes do Mamanguape, no território do município os seguintes rios e riachos: Araçagi, que banha a Vila de Cachoeira dos Guedes; o rio Guarabira, que banha a sede municipal, sentido Oeste-Leste, nascendo no Sítio Olho D'água, no município de Pilõezinhos e deságua no Rio Araçagi, na povoação do Escrivão. São afluentes do Rio Guarabira: Riacho dos Cachorros, Riacho Jacaré, Riacho Tananduba, Riacho Quati e Tapado. (MELO, 1999, p. 26-28).

Por se tratar de uma área de transição a vegetação guarabireNSE é bastante diversificada possuindo espécies de mata úmida e caatinga. Esse tipo de vegetação apresenta uma grande variedade de espécies caducifólias espinhosas dentre as quais se destacam: o juazeiro (**Ziziphus Juazeiro**), a jurema (**Mimosa Sanderianus**), a aroeira (**shinus**), a algaroba (**Prosópis juliflora**) o marmeleiro (**Cróton Sanderianus**). Atualmente esta cobertura vegetal se encontra bastante devastada pela ação humana existindo poucas áreas preservadas a exemplo da área florestal do **IBAMA** nas proximidades da Vila Padre Cícero como também alguns pontos isolados na Serra da Jurema, local onde se localiza o memorial Frei Damião.

As informações geográficas aqui expostas serviram como base para o aprofundamento de estudo do espaço urbano de Guarabira pode ser considerado historicamente como uma cidade secular, pois desde a sua fundação, por volta de 1694 (Melo, 1999), vem passando por transformações urbanas em sua arquitetura e

no traçado de seus becos, ruas e avenidas, guardando um patrimônio arquitetônico em prédios públicos, religiosos e privados, tanto do passado, quanto do presente.

No contexto presente, muitas transformações ocorreram, pois o alargamento e a abertura de avenidas, a continua demolição de prédios residenciais e comerciais, bem como, as inovações tecnológicas como a cerâmica e o asfalto, por exemplo, transformaram a paisagem urbana de Guarabira.

3 MEMÓRIA COMO METODOLOGIA DE ANÁLISE URBANA



Figura 2 - Geofotografia do Centro Histórico de Guarabira. Sem datação. Fonte: Arquivo do Orientador, Maio de 2007.

Todas as imagens antigas foram produzidas a partir de fotografias de uma fotografia que estava exposta na Panificadora Guarabirense, no Centro de Guarabira, em 2007. Para Bandeira (2007) essa experiência é rica como exercício geográfico a partir da imagem fotográfica e quando se trata de espaço urbano, Mariano Neto (2001) a imagem pode servir para ordenar a ideia de espaço-tempo.

De acordo com o professor Carlos Antonio B. Alves, na banca examinadora, essa imagem da figura 2, data de 1967, pois trata-se de uma reprodução cuja a fotografia original, foi produzida pelo fotógrafo Eugênio Marques de Carvalho nessa época

A escolha por uma imagem geográfica do centro histórico de Guarabira veio como base para a reflexão acerca do espaço e da memória. A imagem serviu como exercício e reflexão filosófica provocada pelo trabalho de orientação para esse estudo. Grande parte desse perfil arquitetônico já foi alterada e em parte o próprio traçado urbano desse trecho do centro histórico de Guarabira já passou por modificações.

Algumas indagações sobre pesquisa nasceram a partir da observação dessa imagem, outras foram buscadas na memória dos velhos que nasceram e viveram em Guarabira, aos quais à imagem foi apresentada e como em uma espécie de laboratório do passado, muitos elementos desse momento histórico vieram as suas memórias, uma perspectiva de volta ao passado, trouxe para o campo de pesquisa a ideia de memória como metodologia para o estudo sobre o espaço urbano.

A memória humana pode ser considerada como um grande baú, no qual se armazena número incalculável de informações peculiares a uma determinada sociedade. Essa ideia de baú pode ser falsa, pois envoltos na memória humana estão pensamentos, lembranças, sentimentos e ressentimentos de uma vida, vivida nos lugares. Nesse sentido a memória humana quando despertada ou provocada a uma nova exposição pode vir carregada de informações geográficas, históricas e culturais.

Assim, a utilização da memória no campo geográfico se justifica, pois, através de relatos orais apoiados às lembranças da memória dos cidadãos referente a um determinado período histórico pode facilmente ser usado como fonte para a compreensão do dinâmico processo social urbanístico (Figura 3):

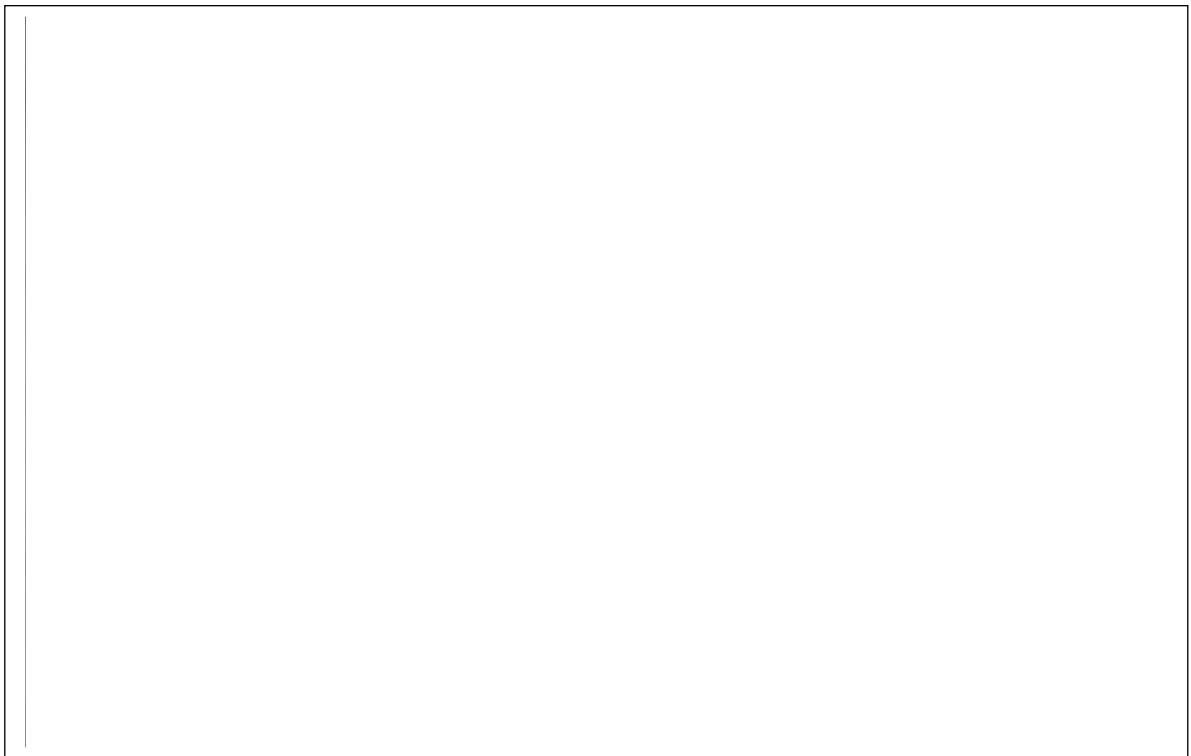


Figura 3 - Geofotografia do Centro Histórico de Guarabira com destaque para transeuntes. Sem datação. Fonte: Arquivo do Orientador, Maio de 2007.

A dinâmica urbana de uma cidade como Guarabira, provavelmente na década de 1960, demonstra que o traçado urbano de uma cidade e sua ocupação se faz de diferentes maneiras. Atualmente, é possível observar nesse trecho da cidade que quase tudo foi transformado, mas através da memória existem condições de saber como ocorreram as transformações.

A espécie humana supera as demais espécies, através de sua capacidade de raciocinar, de armazenar informações. Isso é tão evidente que muitas espécies da fauna e da flora estão sendo banidas da superfície terrestre provocados por certo pseudo desenvolvimento da raça dominante. Porém o que se pretende com este trabalho monográfico é utilizar a “memória” dos cidadãos como fonte de pesquisa geográfica e através da mesma, poder compreender melhor o dinâmico processo social urbanístico, sobretudo do centro de Guarabira que é o alvo desta pesquisa.

Neste capítulo procuramos fazer uma abordagem analítica acerca da temática “memória” na qual destacamos visões e conceitos de autores que consideram o estudo da memória assim como, o estudo da documentação oficial de fundamental importância para a compreensão dos fenômenos sociais urbanos tão comuns nos dias atuais, sobretudo da transformação do espaço que é bastante perceptível aos olhos humano.

Para Silva (1995, p 68.), “estudar a memória significa resgatar o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”. Ou seja, através dos resquícios da memória podemos viajar no tempo, reviver fatos e acontecimentos que de alguma forma marcaram as vidas, o cotidiano, o dia-a-dia dos indivíduos. Silva (1995) argumenta que os sentimentos, impressões, lembranças e costumes, sejam eles, bons ou ruins, dependendo de como cada cidadão considera tais acontecimentos, são aflorados como testemunho de um passado vivido de uma maneira bastante peculiar, a uma época na qual o convívio social era outro, sem tanta competitividade, ganância, disputas por espaços e territórios como ocorre nos grandes e pequenos centros urbanos.

O historiador francês Le Goff (2003, p.447) diz que “A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abramos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas” A indagação de Le Goff serve de suporte para uma maior compreensão funcional da utilização da memória como instrumento científico, pois através dela podemos compreender melhor a dinâmica sócio-

ambiental urbana de um determinado lugar. O autor ainda argumenta que, por meio dela torna-se possível entender as faces e as fases dos processos que estruturaram a sociedade no decorrer do tempo e do espaço com uma maior abrangência de detalhes aja vista, que cada indivíduo é capaz de proporcionar algo a mais, que um ou outro não se recorda, mas, que permanece intacta na memória de alguns.

Jucá (2003) é outro importante autor a tratar da memória humana na dimensão social, fazendo contrapontos entre o coletivo e o individuo e se portando a realidade vivida. Pois para o autor a memória abre campos de estudo para os atores sociais que nem sempre são ouvidos pela sociedade e que terminam por não participar de registros documentais tradicionais.

A memória é considerada, de acordo com a dimensão social que representa uma realidade onde se mesclam o individual e o coletivo, possibilitando uma compreensão diferenciada daquela transmitida pela documentação tradicional. [...] ela permite revelar aspectos ou espaços sociais outrora esquecidos ou relegados. (JUCÁ, 2003, p.16).

Assim como Le Goff (2003), Jucá (2003) também nos mostra a importância da memória no meio científico como instrumentação documental das ações humanas sobre a superfície terrestre “urbana”, pois a memória diferente da documentação oficial é capaz de proporcionar um amplo afloramento de acontecimentos bem mais complexos com visões e interpretações que a historia escrita não é capaz de descrever, ate porque os dados contidos na memória dos indivíduos é algo que foi construído ao longo de toda uma vida, muitas vezes marcadas por angustias e decepções, o que difere dos dados históricos que é algo exposto apenas pelo o que o historiador considera importante.

Diante disto a utilização dos dados lembrados ou memorados por indivíduos ou grupos de indivíduos de um determinado espaço pode facilmente ser utilizados como complemento das fontes documentais “escritos” existentes, ou porque não até mesmo substituí-las. Aja visto que tais fontes proporcionam ao pesquisador uma gama de informações as quais muitas vezes passam despercebidas pelos pesquisadores durante a investigação documental científica.

A memória por ser social é sempre vivida e compartilhada, ao passo que a história escrita torna-se impessoal, ou melhor, reflete apenas a interpretação do seu autor, tornando-se deveras limitada

se confrontada com a memória de diversos indivíduos, que se torna plural (JUCÁ, 2003, p. 29).

Jucá mostra-nos ainda a relação de dependência entre a utilização da memória como recurso científico e a utilização da história escrita no processo de investigação sendo que, a memória complementa o raciocínio acerca da interpretação dos fenômenos sociais fornecidos pela história escrita. Portanto a memória e os dados documentais se fundem, se complementam formando um vasto campo de informações, construtoras do conhecimento científico.

A memória é múltipla, a história “é uma e podemos dizer que não há senão uma história”; por outro a memória trabalha com o vivido, o que ainda está presente no grupo, enquanto a história trabalha e constrói uma representação de fatos distantes, ou mesmo onde ou quando se encerra a possibilidade de encontrar testemunhos daquela lembrança (MONTINEGRO, 2001, p. 17).

Montenegro (2001) reforça o potencial que a memória exerce sobre a caracterização da sociedade, como também do espaço no qual estar inserida haja vista que a dinâmica que dar feição e movimento a uma sociedade que estar sempre se modernizando, a procura de uma perfeição que nunca é atingida é privilegiada com as várias experiências que os indivíduos construíram em sua memória a partir de lembranças adquiridas no transcorrer de seu cotidiano, do real, do vivido em si.

Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros. “A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam não se afastariam”. Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos (BOSI 1994, p. 19).

A autora leva-nos a refletir a importância da função que os homens de mais idade exerciam no processo de desenvolvimento social, pois durante muito tempo o conhecimento era disseminado de geração em geração através das experiências e exposições orais dos mais velhos que repassava seus atributos, seus conhecimentos de vida utilizando-se das informações, impressões e experiências contidas em suas memórias as quais, foram construídas ao longo de suas árduas e

dolorosas caminhadas onde tiveram de desvendar e adaptar-se aos mistérios da sobrevivência no espaço do qual fazem ou fizeram parte.

Porém esse reconhecimento de formadores da sociedade atrelados às lembranças de suas experiências de vida é posto em segundo plano a partir do momento em que a história escrita assume a liderança na propagação do conhecimento. A revalorização de memória e da história oral só foi resgatada na medida em que historiadores, antropólogos e sociólogos passaram a valorizar o conhecimento tradicional de comunidades que não eram valorizadas pela história oficial.

Na visão de Araújo (2006, p.57) “a memória é um elemento constitutivo da identidade social”, ou seja, o estudo de uma área geográfica atrelada à oralidade memica é capaz de revelar a individualidade da área pesquisada através da percepção que cada indivíduo tem sobre o conjunto do qual faz parte. Desta forma interpretações, atitudes, gestos, pensamentos, posturas e ações vão sendo expostos, caracterizando de forma bastante peculiar tal grupo e espaço por ele ocupado.

“A memória é a arca de todas as coisas e se ela não se tornou a guardiã do que se pensou sobre coisas e palavras, sabemos que todos os outros dotes do orador, por mais excelente que possam ser, se reduzem a nada.” (LE GOFF, 2003, p.447). O autor mostra-nos a magnitude importância da memória como fator determinante da sociedade racional, pois ela constrói a essência do homem moderno, aja vista, que tudo gira em torno da capacidade que o homem tem de guardar informações que possa usar a seu favor durante seu desenvolvimento social, intelectual e cognitivo construído ao longo de sua vida.

Sendo assim a memória torna-se um elemento essencial para o crescimento e progresso da raça humana a qual se desenvolve cada vez mais, superando obstáculos e aperfeiçoando sua capacidade de raciocínio e adaptação sobre seu habitat transformando-o dia após dia. Nesse sentido, a memória e história oral podem recompor importantes partes de uma realidade que transformada ao longo do tempo, pode passar despercebida, em especial quando estamos falando do espaço urbano, que passa por constantes transformações em sua dinâmica tempo-espaço.

Jucá (2003) compreende que o estudo da memória como elo de compreensão sócio-espacial esta ligada diretamente à forma como os dados

lembrados ou memorados são fornecidos ao pesquisador. Isso é possível através da captação dos fatos narrados condizentes aos construtores do espaço social o (homem), ou seja, a utilização da oralidade ou história oral.

Para Jucá (2003) a memória enquanto categoria de análise científica ficou durante muito tempo em segundo plano, pois não era considerada uma fonte confiável no processo de investigação científica. Haja vista que até o século XIX a tradição historiográfica, defendida pelo positivismo estabeleceu como modelo de fonte exclusivamente o que pudesse ser definido como documento escrito, deixando a oralidade a perecer sempre em segundo plano.

[...] relegando os depoimentos apenas como uma fonte secundária, mesmo considerada a posição social de quem os emitia. Na verdade, eles pouco representavam, pois o testemunho subjetivo comprometia a sonhada verdade histórica a ser atingida (JUCÁ, 2003, p.40-41).

De acordo com Jucá (2003), só a partir dos anos sessenta a nova metodologia que até então era renegada, começa a si expandir no âmbito científico tendo como seus pioneiros Paul Thompson e Raphael Samuel os quais insistiam em dar voz ao povo através da oralidade resgatando a realidade social apoiados aos depoimentos dos construtores da história. No entanto a oralidade só ganha destaque quando é reconhecida cientificamente como metodologia, o que ocorreu por volta dos anos oitenta no Congresso Internacional das Ciências Históricas realizada em Bucareste tornando-se conceituada no mundo acadêmico em diferentes países.

Para Jucá (2003), o despertar pela a oralidade no Brasil tardou, aja vista que o país permaneceu muito tempo sob o comando dos militares os quais retraiam a produção científica atrelada à nova opção metodológica, pois muitos temiam a repercussão que seus trabalhos pudessem causar à censura militarista tão repressora da época. Diante disto a manipulação da oralidade como ciência no Brasil só teve início a partir dos anos noventa tendo como principais propagadores da nova metodologia o professor José Carlos Sebe Bom Meihy da USP e Marieta de Moraes Ferreira da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, os mesmos planejavam a criação de uma Associação de História Oral no Brasil.

4 GUARABIRA: TRAJETÓRIAS URBANAS A PARTIR DA MEMÓRIA

Muitas cidades brasileiras modificam suas feições, suas paisagens movidas pelas novas tendências, pelo crescimento, pelo progresso tão desejado por muitos e muitos cidadãos que habitam o perímetro urbano, sobretudo das áreas centrais onde a atividade comercial é desenvolvida com maior eficácia devido a uma grande concentração de clientela, bem como, de outros serviços e atividades públicas, comuns em cidades pequenas e médias.

Em Guarabira não poderia ser diferente, pois a paisagem urbana da cidade tem sido constantemente modificada pelas inacabáveis reformas que desfiguram o patrimônio histórico e cultural da cidade, não só pela atividade comercial, como também pela vaidade de seus habitantes que a cada dia procuram se enquadrarem ao sistema renovador da construção civil.

Diante dos fatos ao longo deste capítulo pretende-se resgatar um pouco da fisionomia paisagística e funcional de Guarabira. Para tanto se recorre a depoimentos de pessoas que puderam visualizar uma cidade com outra aparência e assim poderem identificar as perdas ou eventuais ganhos que tais transformações do espaço causaram a cidade e a seus habitantes.

Durante o processo de investigação do estudo de campo em questão, nos deparamos com algumas pessoas como o senhor Manoel Augusto Ferreira de 79 anos, aposentado, que se tornou uma das peças chave nessa pesquisa haja vista que o mesmo em entrevista no dia 27 do julho de 2011 nos forneceu minuciosas informações sobre a cidade as quais datam desde os tempos de sua infância até as mais recentes que até hoje permanecem vivas em sua memória, possa ser que em estado latente, mas que logo vem à tona quando são tocadas ou lembradas por alguém.

No decorrer da entrevista o senhor Manoel Augusto fez um breve resumo de sua percepção acerca das transformações que Guarabira vem sofrendo ao longo de sua história, pois desde seu nascimento o mesmo permaneceu em Guarabira, porém algumas vezes teve que se ausentar da terra querida indo até o Rio de Janeiro em busca de melhoras para o sustento de sua família que era grande para um homem analfabeto e de baixa aquisição financeira.

Indagado sobre sua percepção de mudança na cidade de Guarabira, sobretudo em relação ao centro histórico, o Senhor Manoel nos afirmou:

Olha como eu durante muito tempo trabalhei com burro de carga, botando água nas casas do povo na época que não tinha água encanada na cidade. Posso ti dizer que mudou muita coisa até porque agente andava muito pelas ruas oferecendo água. A água que agente botava pra o povo, agente pegava nas cacimbas lá das Lages, era assim não tinha esse negócio de água tratada não, era de cacimba mesmo. Foi com esse trabalho que pude dar um sustento melhor à minha família porque antes, agente vivia da roça que era mais sofrido ainda, porque tinha que trabalhar eu, mulher e menino nas terras dos outros trabalhando que só uns miseráveis puxando agave dos fazendeiros que era os donos de tudo naquela época.



Figura 4 - Geofotografia do Centro Histórico de Guarabira com destaque para burro de carga. Sem datação. Fonte: Arquivo do Orientador, Maio de 2007.

Essa figura 4 veio colaborar com o depoimento do Sr. Manoel que destacou a utilização de burros enquanto meio de transporte para o abastecimento de água. De acordo com ele, já houve um tempo em que não existia água encanada na cidade, o

que forçava as famílias a comprarem água proveniente de pequenas cacimbas as quais desaguavam no rio que atravessa a cidade, hoje completamente poluído. Essas pequenas nascentes segundo seu Manoel muitas delas secaram não se sabe o porquê, mas acredita-se que foi por causa das atividades agropecuárias as quais danificaram bastante as áreas de vegetação ao redor das cacimbas. A localidade Lages citada por seu Manuel fica entre os municípios de Guarabira e Pilõezinhos antigo distrito de Guarabira que foi deslembado em 1963.

No tocante ao abastecimento de água de Guarabira a cidade só passou a contar com o fornecimento da água tratada em 1956 com a implantação do sistema de abastecimento que foi projetado e implantado pelo Escritório Saturnino de Brito. Posteriormente a manutenção e operação do sistema passam a ser feito pela CAGEPA Companhia de Água e Esgoto da Paraíba.

De acordo com documentos da CAGEPA (1991) com registros da época, de início o sistema atenderia apenas a área central da cidade. P

Porém outras localidades mais distantes do centro necessitavam da água, mas de início a CAGEPA não tinha estrutura para levar a água até as torneiras de todas as residências. A partir dessa necessidade a empresa instalou chafarizes em deferentes pontos para atender a demanda num total de nove chafarizes.

Dando continuidade a entrevista, perguntamos o que de fato mudou na área central de Guarabira:

- Acho que mudou foi tudo. Hoje ta muito bom. Antigamente tudo era mais difícil às ruas era toda no barro no tempo da chuva era um lameiro miserável que até pra andar com os jumentos era ruim, na seca é que melhorava um pouquinho. Até a feição das casas mudaram, antigamente as casas de comércio e casas de morada também, era umas casas altas de um piso só e paredes grossas cheias de portas e janelas por todos os lados que parecia mais era com as igrejas de hoje. Hoje não, tem é casarão, é prédio com um, dois, três pisos com portas de vidro piso de cerâmica tudo muito bonito.

Neste ponto da entrevista podemos perceber na fala de seu Manoel Augusto, a revolta com as dificuldades de locomoção, com a falta de infra-estrutura pela qual a população guarabirense era submetida, pois o traçado urbano em formação era totalmente desprovido de pavimentação, sem espaços de lazer como as praças que posteriormente foram construídas (Figura 5):

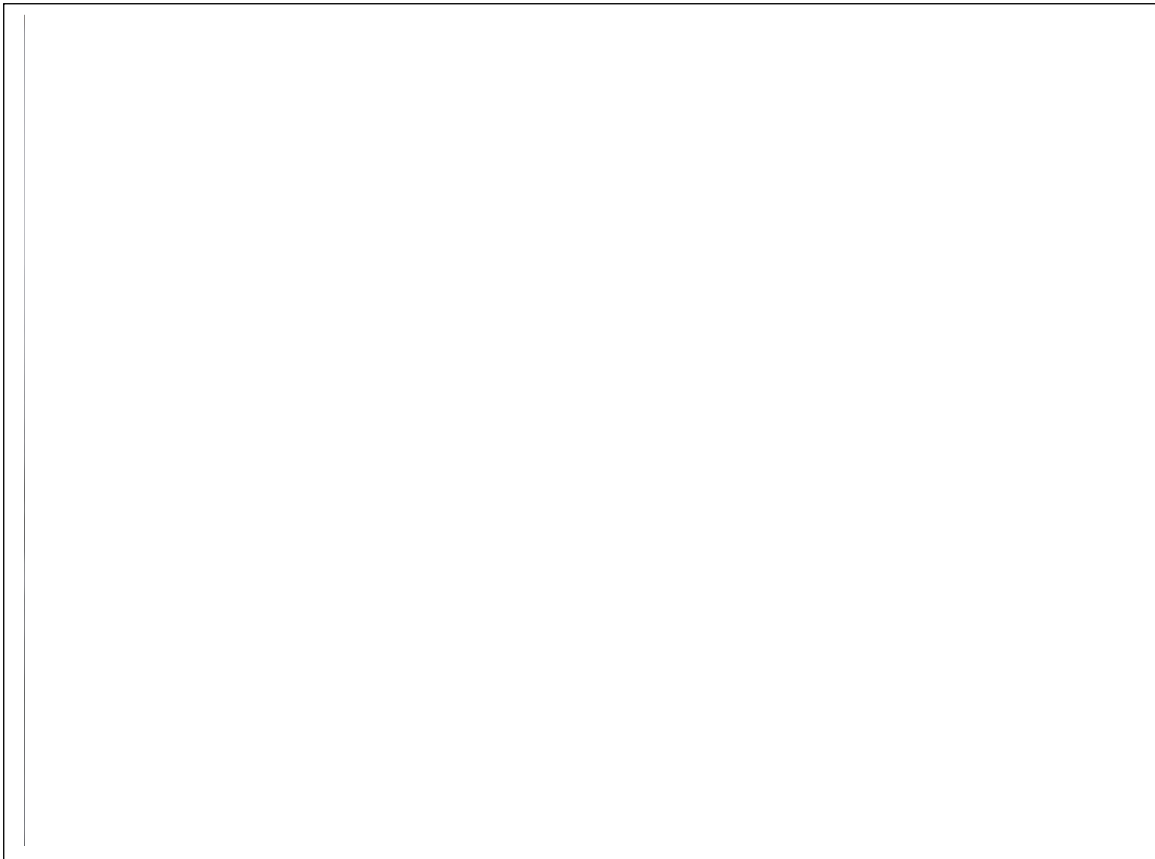


Figura 5 - Geofotografia do Centro Histórico de Guarabira com destaque para trechos da Avenida Dom Pedro II e da Praça Lima e Moura sem pavimentação. Sem datação. Fonte: Arquivo do Orientador, Maio de 2007.

A imagem ficou no passado, pois a memória de seu Neco destaca que estes locais foram transformados pela modernidade, pela exuberância das novas construções que crescem desordenadamente na cidade, sobretudo no centro onde antigos imóveis são demolidos. Isso fica evidente quando o seu Manoel compara as construções de antigamente com as atuais, expõem um sentimentalismo de que o novo não lhe parece melhor que o passado.

Seu Manoel continuou a entrevista, destacando que:

Muitos prédios públicos mudaram também, antigamente o mercado público ficava na Avenida Dom Pedro Segundo onde até um dia desses funcionava a farmácia Senhora da Luz. Em frente o mercado tinha um chafariz que era abastecido por um cata vento que jogava água até as torneiras. Já onde é construído o mercado de hoje era um sítio com muitas fruteiras mangueiras, cajueiros, jaqueiras e laranjeiras não existia nada de casas como as que têm hoje existia sim alguns casebres cobertos de palha, acho que era dos trabalhadores da terra. Eu mim lembro que ali por perto tinha era um açude, acho que era mais ou menos onde é o prédio São Lucas perto da feira por

ali. Já a feira livre mim lembro que ficava na Avenida Dom Pedro nas imediações da casa Recife.

A Rua Costa Beiriz antigamente o povo chamava de rua da palha, acho que era porque naquela época lá tinha muita casa de taipa coberta de palha de palmeira que antigamente tinha bastante por essas bandas. Essa rua também era bastante freqüentada só que por outro motivo do atual, por causa dos cabarés que era a diversão dos homens de Guarabira naquele tempo. (Manoel Augusto de Oliveira 27/07/2011).

Nas palavras de seu Manoel podemos perceber o quanto Guarabira mudou em sua área central, na sua aparência como um todo, pois, quando o mesmo fala da água, das ruas esburacadas, da mudança de prédios públicos percebemos o seu sentimento para com a cidade. Sobre tudo as transformações de espaços e as mudanças do uso de espaços, locais que antes tinham uma determinada finalidade, hoje são frequentados, usados pelos cidadãos com objetivo completamente diferente de anos atrás, como é o caso da Rua Costa Beriz a qual atualmente possui um grande movimento impulsionado pela atividade comercial bastante desenvolvida nesta rua (Figura 6):



Figura 6 – Imagem do começo da Rua Costa Beiriz, Centro Histórico de Guarabira. Fonte: Arquivo do autor, outubro de 2011.

Na atualidade, a Rua Costa Beiriz representa uma nova expansão comercial com grandes lojas, a exemplo da Guaramóveis, livrarias, gráficas, butiques, lojas de

calçados, etc. Essa dinâmica recente, também se relaciona ao sistema financeiro local, pois a agência do Banco do Brasil foi instalada no local a algumas décadas. Mesmo assim, ainda permanecem na área, vários moradores, que elevaram as edificações em dois ou três pisos e passaram a utilizar o térreo como ponto comercial e os andares superiores como moradia.

Outro ancião que nos concedeu entrevista foi o Sr. Genival S. Bezerra de 80 anos, artesão sapateiro e músico hoje aposentado, morador da localidade Sta. Terezinha em Guarabira. O mesmo ao ser indagado sobre as constantes transformações pela qual a cidade de Guarabira tem sido submetida aos longos dos anos relatou que:

Na verdade ta tudo mudado ali naquela esquina ficava o mercado público é onde fica a praça de táxi hoje, na Praça Lima e Moura a feira livre era ali se vendia de tudo batata, banana de tudo mesmo. E o açougue público ficava ali próximo da junta trabalhista toda carne da cidade era vendida ali à área de comercio de Guarabira era aquela área central mesmo a Dom Pedro Segundo, Osório de Aquino a Almeida Barreto perto do correio, as casas de comercio, os armazéns era tudo por ali. Não é do meu tempo não mais minha, mãe meus irmãos ainda alcançaram a feira em frente da igreja.

Na época que tinha trem aqui andei muito, aquela área ali era como é hoje tinha uma caixa D água que abastecia o trem tinha banheiro o povo tomava banho tinha tudo. Aquele lado onde é a Explanada hoje, era só mato não tinha nada daquilo não as casas que tinha era na Prefeito Manoel Lordão só que era uma casinha aqui e outra lá...! O banco do Brasil era do lado de cá onde é a associação comercial. Ali na Praça Lima e Moura no meio, no centro mesmo em frente à casa lotérica tinha um posto de combustível. A praça era toda no barro depois foi que mudou. Na Praça João Pessoa tinha um coreto tinha uns canteiros de flores à coisa mais linda do mundo. Augusto de Almeida foi quem derrubou a praça foi quem acabou com tudo foi o destruidor. Aquilo lá pra namorar era bom de mais todo domingo tinha a bandinha tocando, os casais namorando.

Aquele lugar ali onde é o banco do Brasil, o boticário era um sítio o prefeito da época que começaram a mudar aquilo ali o pessoal chamou-no de louco era Sabiniano Maia. Não existia a Avenida Padre Inácio de Almeida era só mato o acesso pra Pirpirituba era feito lá pela rua da barra, atravessava a praça e seguia pelo Juá. Lá em cima tem um campo à estrada passava por traz desse campo. Por traz do banco ficava um campo de futebol do Guarabira Esporte Clube onde é o mercado novo lá, antigamente tinha um açude todo mundo tomava banho era uma beleza a gente batia uma bolinha depois iam tomar banho só que começaram a fazer tumulto, a bagunçar ai o dono foi e começou a cobrar pelos banhos ainda lembro custava um tostão o banho. A rua onde é banco do Brasil o povo chamava

de Rua da Macaíba era onde ficava os cabarés de Guarabira e lá em cima na chã ficava a escola de dona Dorinha.

A Avenida Dom Pedro II era muito larga o pessoal chamava aquela rua de rua da lagoa. Pronto não tem a madeireira de zé Camilo? A rua era daquela largura. De zé Camilo até junto do fórum um quarteirão inteiro de armazéns pertenciam ao Cunha Rego que era um comerciante da época.

O único cemitério que existia era o cemitério velho que ficava um pouco afastado da área mais habitada tinha casas perto só que, era uma distante da outra, não era como é hoje casas e mais casas até ao pé do muro toda aquela área ao redor do cemitério até o juá era um sítio só de seu Abdom Miranda.

Ai em baixo onde é essa praça era um cabaré o cabaré estrela era ali. Naquela época ninguém deixava as crianças passarem por perto não porque era considerado pecado, hoje ta mudado de mais não tem mais cabaré mais ta tudo mais liberal o jovem faz tudo vai onde quer sem que os país façam qualquer objeção . Eu lembro que tinha um pátio ate bonzinho que agente batia bola ali tinha um cacimbão que tem ate hoje que o pessoal usa pra lavar carro.

Por trás do banco do Nordeste tinha uma saboaria aquela rua era muito larga, tinha casa de um lado e de outro e a saboaria ficava no meio e por trás tinha o lixão. Pra passar praquela lado da casa de Marisa Alverga agente passava numas pontes de madeira próximo dali tinha o campo da união que era só sapateiros, alfaiates, pedreiros e os artesões.

O clube era onde é a maçonaria, o primeiro cinema era lá onde é o teatro que era de Zezinho de Giva, depois veio o São Luiz que ficava ao lado do prédio dos correios hoje é ate uma igreja evangélica, depois veio o Pulga que logo no inicio ficava na Rua Getúlio Vargas que depois levaram pra a Dom Pedro II.

A riqueza da fala do Sr. Genival é muito recheada de detalhes, nesse sentido, fizemos questão de deixar os trechos de memória de maneira que os leitores e conhecedores do espaço urbano de Guarabira possam viajar no tempo. Vejam o quanto a cidade muda na simples nomenclatura das ruas, pois nomes populares como: rua macaíba, rua do tambor, rua da barra, rua do mosquito, rua do arame, rua do meio, rua da matança, rua do sol, rua da barreira, rua da rodagem. Todos estes nomes ainda estão na memória do Sr. Genival, coisa que os mais novos desconhecem completamente.

As imagens por ele construídas a partir de uma provocação as suas memórias se faz presente como transformação do espaço vivido, mudanças que o próprio entrevistado relata em ricos detalhes (Figuras 7, 8, 9 e 10):

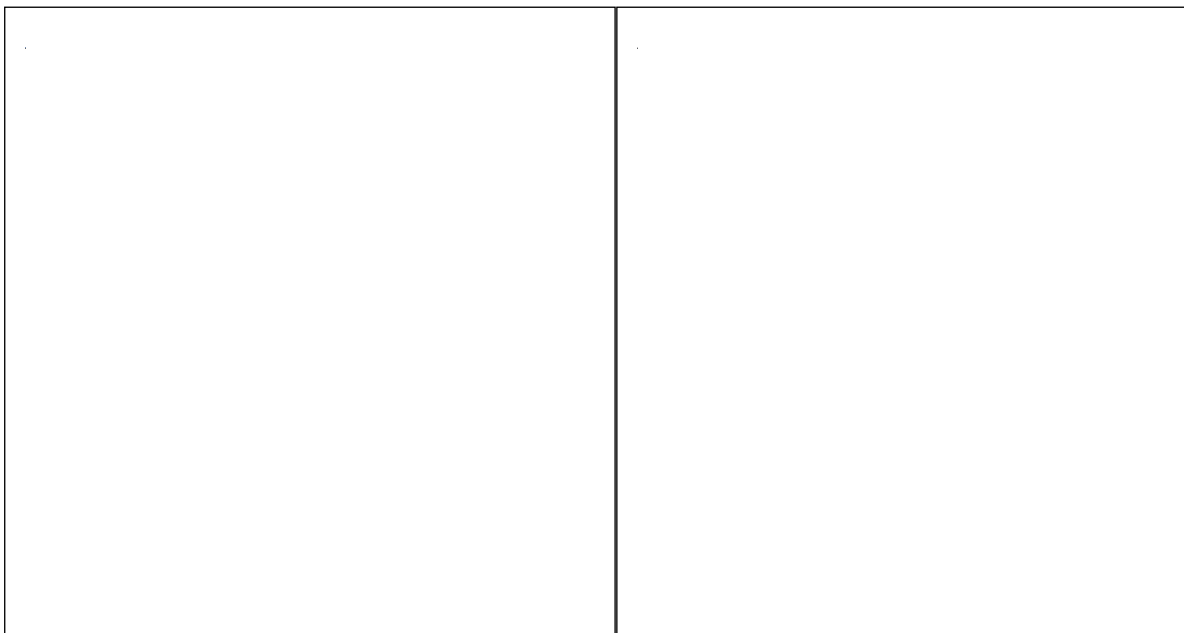


Figura 7 e 8 – Imagem do empório comercial, Centro Histórico de Guarabira. Fonte: Arquivo do autor e do orientador, outubro de 2011 e maio de 2007.

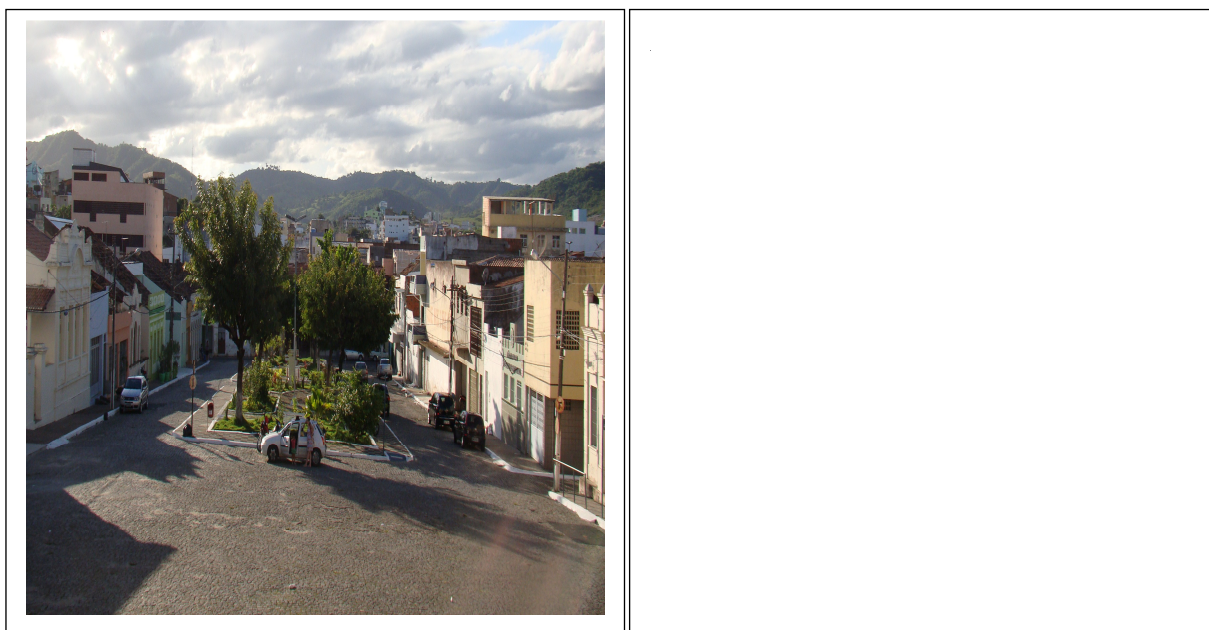


Figura 9 e 10 – Imagem do Adro da Catedral N. S. da Luz, Centro Histórico de Guarabira. Fonte: Arquivo do orientador, outubro de 2011 e maio de 2007.

Esse quadro de imagens demonstra alguns fragmentos do que o Sr. Genival resgatou em sua memória. O Centro comercial de Guarabira que já se deslocou da frente da Igreja Matriz para a Avenida D. Pedro II e se ampliou para novos espaços de urbanos como a construção do Mercado Público e da abertura de novas avenidas que foram pavimentadas e renomeadas com nomes ilustres da cidade e até do país.

Em um determinado momento da entrevista com o seu Genival perguntamos; diante de tantas transformações em sua opinião, era necessário que mudasse alguma coisa em Guarabira? E o que mudou e o senhor acha que deveria ter permanecido?

Sim porque tudo na cidade era precário e precisava se desenvolver se não iria ficar uma cidade atrasada.

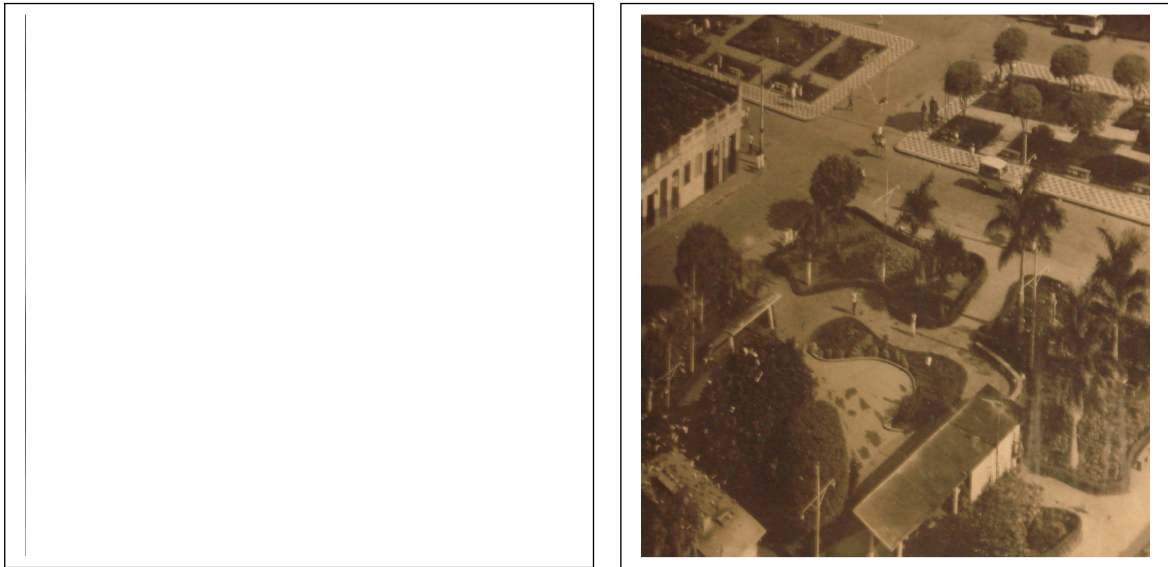
Olha a liberdade, agente poder andar sem assombro, era poder sair, caminhar chegar à hora que quisesse como agente fazia antigamente e não ter medo de ser assaltado, de um indivíduo chegar e dizer mim dar teu dinheiro ai.

Mais na parte física da cidade o que não deveria ter mudado era a Praça João Pessoa foi um crime o cara ter derrubado aquela praça era o cartão postal da cidade tinha uns canteiros de flores que era uma maravilha, tinha um coreto onde a banda tocava todo domingo aquilo lá! Era um desfile que tinha nos sábados de 7 as 9 da noite, casais de namorados. Era sagrado todo sábado ninguém deixava por nada, os casais conversando, passeando, namorando era bom de mais a praça ficava cheia era a diversão da gente naquele tempo.

Na concepção de seu Genival a violência é o principal fator de mudança na cidade, pois o mesmo mostra-se indignado com o fato de não ter mais a liberdade que tinha na época de sua mocidade isso fica evidente quando ouvimos seu tom de voz ao indagarmos sobre as mudanças. No entanto a violência não é um problema restrito apenas a Guarabira basta fazer uma simples pesquisa em vários trabalhos referentes a este mal e constataremos que é um mal que se alastra de forma descontrolada por todas as cidades do Brasil e do mundo.

Já na parte física da cidade vemos o apego afetivo de seu Genival para com a Praça João Pessoa, pois ao falar da aparência, das festividades que ocorria lá nos finais de semanas percebemos que era um espaço destinado unicamente ao lazer dos guarabireses algo que só poderíamos conhecer através da linguagem já que as formas concretas não remetem a memória do lugar, pois atualmente tem aparência e função diferente da época memorizada por seu Genival.

Atualmente a Praça João Pessoa, de espaço público, se transformou em espaço privado, pois bares, lanchonetes e lojas de conveniências ocuparam o espaço que é basicamente um local de consumo. Não existe mais o coreto, mas ainda existem bancos de praça e muretas circundando todo o espaço (Figura 11 e 12):



Figuras 11 e 12 – Imagem da Praça João Pessoa, Centro Histórico de Guarabira. Fonte: Arquivo do orientador, Maio de 2007.

Ao lembrar a Guarabira de sua mocidade seu Genival mostrou-se insatisfeito com algumas modificações pela qual Guarabira foi submetida como também por algumas atrações de lazer que existia na cidade e hoje não existe mais, ao ponto de dizer que Guarabira é a cidade do já teve e do não tem mais. Isso mostra o descaso dos gestores públicos, pois não se preocupam com a opinião dos cidadãos o que importa para eles é que seus nomes sejam escritos em uma placa, nem que para isso, seja necessário destruir um patrimônio público no qual os indivíduos já tinham criado uma relação afetiva para com o mesmo.

É o que acontece com seu Genival ao falar da praça, ao dizer que Guarabira já teve cinema, teve clube, percebemos sua afetividade, a saudade de bons momentos vividos naqueles espaços. Aqui fica a indagação sobre o possível resgate da memória e a recuperação do que ainda reste em nosso patrimônio arquitetônico e cultural.

Dona Maria José Vieira 94 anos, parteira aposentada, conhecida por Maria Muniz senhora de uma mente invejável trabalhou durante 30 anos como parteira, hoje se encontra bastante afetada fisicamente por doenças que surgiram ao longo dos anos, mas sua memória permanece sã e nos concede entrevista revelando sua percepção de mudança em Guarabira que nos relata.

Trabalhei uns 30 anos como parteira, parteira cursada não era formada não era cursada. Fiz parto de muitas pessoas importante na sociedade naquela época, a mulher de seu

Vicente Pontes, a mulher de Abdom Mirada, a mulher de Fausto, a dona da casa Recife, o resto nem mim lembro mais tem muita gente nesse meio de mundo daqui até Duas Estrada Lagoa de Dentro, perto de Alagoa Grande, Canafístola. O povo do Onofre que era o grande de Alagoa Grande peguei menino da mulher dele inda hoje existe os Onofre lá muita gente mesmo que nem lembro mais. De gente pobre aqui em Guarabira fiz muito muitas vezes não podia nem pagar eu dissimulava, naquele Nordeste antigamente chamava rua do chamego só tinha uma rua ali uma rua comprida...! Pois bem uma vez cheguei na casa de uma ali quando terminei o serviço ela disse olhe Dona Maria eu não tenho com que lhe pagar eu vou vender esse porquinho pra li pagar ai eu disse pra ela venda seu porquinho e coma eu tenho o que comer em casa. E outra vez chegou um fazendeiro lá em casa pra mim provocar um aborto ai eu disse que não ele disse mais isso e aquilo e eu disse não o senhor veio errado ta vendo aquelas latas ali estam cheias de mantimentos de comer. Pra mim não preciso disso não e fiz uma promessa quando eu fui cursada com nossa Senhora de nunca provocar aborto nem ensinar evitar filho terminei e até hoje to cumprindo com minha promessa.

Ainda hoje parece que tem um negocio da prefeitura que chamava o quebra lá em baixo! Num tem o Colégio da Luz? pra baixo, nesse tempo tinha um lugar com uma lavanderia pra as mulheres lavar roupa pela prefeitura e o banho era um tostão porque era de chuvisco agente ia dia de domingo tomar, mas pra lavar roupa aqui era um tanque comprido cheio de água e agente lavava a roupa de cocara não tinha lavanderia não, uma água salgada...!

E das outras ruas eu conheço bem a rua da lagoa que hoje é a Dom Pedro II, a lagoa ainda alcancei pareci que foi o coronel João Pimentel que aterrou. Na frente da loja Maia tinha também um mundo de água era uma lagoa grande tinha peixe tinha tudo só não lembro qual foi a administração que aterrou. Aquela beira de rio ali perto da ponte até os prédios de João Rafael era dos Ananias não tinha rua nem casa não tinha nada ali tinha muitos poços tudo era cheio de água e fornos de cozinhar telha tijolos das olarias antigamente chamava olaria hoje chama de cerâmica.

Próximo ao boticário do outro lado era um partido de cana do Abdom Miranda era um cercado tinha um riacho que passava e pra cima era a rua da macaiba lembro que tinha uma cocheira de gado. Na outra rua que hoje é a Napoleão Loreano tinha umas casinhas de famílias bem pobrezinhas às casas ficavam com os quintais pra o muro do cemitério.

A memória de dona Maria Muniz demarca um espaço urbano profundamente transformado. Na sua fala é possível identificarmos os filhos da terra, a primeira olaria de tijolos trechos da antiga rua do arame, também conhecida como o quebra (Figuras 13 e 14):



Figuras 13 e 14 – Imagens da antiga olaria de tijolos de Guarabira e antiga Lavanderia Pública.
Fonte: Arquivo do autor, Nov. de 2011.

As qualidades das informações resultantes da entrevista com dona Maria Muniz nos levaram ao ambiente em que foi instalada uma das primeiras olarias de Guarabira. Essa área era completamente desabitada, mas nos dias atuais foi completamente tomada por habitações e originou o bairro da Bela Vista. Restou ainda a chaminé da olaria e restos dos fornos. Do outro lado da cidade, encontramos à antiga instalação da lavanderia coletiva e de coleta de água para abastecimento das casas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa foi possível conhecermos vestígios de uma Guarabira que não encontramos nos livros, Guarabira sobre uma perspectiva diferente e importante, talvez bem mais que as formas oficiais. Pois através da memória, dos relatos, fornecidos pelos idosos entrevistados nesse trabalho vimos como Guarabira foi transformada ao longo dos anos. Sobretudo em sua área central que é a mais antiga da cidade.

Ao analisar os depoimentos dos entrevistados constatamos que muitas das transformações ocorridas em Guarabira foram necessárias para que os cidadãos usufríssem de uma infra-estrutura mais adequada às necessidades de uma cidade em processo de crescimento.

Isto fica claro no depoimento de seu Manoel Augusto quando fala da situação do abastecimento de água e das péssimas condições de locomoção pelas ruas da cidade. O que fica claro também na voz de seu Genival quando fala do lixão que ficava em uma área muito próxima do centro e do fechamento do acesso o qual interligava Guarabira as cidades circunvizinhas que era feito pela Rua Getúlio Vargas atravessando a Praça e seguia a Almeida Barreto.

Como que uma rua tão estreita como a Getúlio Vargas suportaria um fluxo tão intenso de veículos como o atual? No entanto foi de grande valia a abertura das Avenidas Rui Barbosa, Padre Inácio de Almeida e a Osmar de Aquino as quais são mais largas, a abertura das mesmas fez com que o trânsito fluísse com mais facilidade. Apesar de que hoje em alguns momentos do dia principalmente no horário de pico o trânsito fica lento nessas avenidas mesmo assim, ainda é melhor do que se fosse pelo antigo acesso.

O depoimento de dona Maria se entrelaça com o de seu Genival, pois a mesma enfatiza em seu depoimento justamente essa área onde foram abertas essas avenidas ao falar das olarias e dos poços existentes naquelas proximidades como também da construção do mercado público.

Todos os fragmentos de memórias expostos neste trabalho, mencionado pelos os entrevistados leva-nos a refletir o quanto Guarabira foi transformada apesar de na maior parte de seus depoimentos considerarem as mudanças como algo favorável ao desenvolvimento da cidade e conseqüentemente ao convívio social dos cidadãos guarabireses.

Porém algumas transformações agradaram apenas aos gestores públicos da época como é o caso da Praça João Pessoa mencionado por seu Genival, diante disto cabe ao poder público a responsabilidade em preservar e manter esses espaços os quais marcaram vidas e gerações para que outras pessoas conheçam o patrimônio histórico-cultural aqui existente tão rico em costumes culturais quanto em arquitetura e tão degradada, esquecida por aqueles que deveria cuidar.

O espaço vivido transformado pelas diversas instâncias sociais pode ser percebido tanto através de fotografias, quanto de rebuscadas ativações da memória daqueles que o viveu. Então, espaço e memória do traçado urbano de Guarabira são linhas ora de materialidade da cidade, ora de mentalidade do humano que experimentou vários momentos em que a cidade foi modificada social, econômico e culturalmente.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Múltiplos Discurso Sobre a Feira Central de Campina Grande – PB**. Campina Grande. Agenda 2006.168p.
- ATLAS DO ESTADO DA PARAÍBA** – informações para gestão do patrimônio natura [mapas] Marta de Luna Malheiros Feliciano e Ronaldo Benicio de Mélo. 1ª ed. - João Pessoa; SEPLAN/ IDEMA, 2003. PB. 58p.
- BANDEIRA, Sâmia Érika Alves de Caldas. **Percepção do urbano a partir de imagens geofotográficas do município de Guarabira-PB** (Monografia), Guarabira: UEPB/CH, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos/-** 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- CRISTO, Monsenhor Emiliano de. **História da Cidade de Guarabira e da Paróquia de N. Sra. da Luz**. 1964.
- COELHO, Cleodon. **Guarabira através dos tempos**. Guarabira. Nordeste. 1945.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- DANTAS, Eugênia e BURITI, Iranilson. (orgs.) **Cidade e Região: múltiplas histórias**. Editora Idéia, João Pessoa, 2005.
- FERRAZ, Ana Emília de Quadros. **O Urbano em Construção – Vitória da Conquista: o retrato de duas décadas**. UESB, Vitória da Conquista, 2001.
- GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA**. Secretaria de Educação. Universidade Federal da Paraíba. Atlas Geográfico do Estado da Paraíba, Grafset, 1985. 100p.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003. 130p.
- LE GOFF, Jacques. **Historia e Memória** – 5ª ed. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2003.
- MARIANO NETO, Belarmino. **ECOLOGIA E IMAGINÁRIO: memória cultural, natureza e submundialização**. João Pessoa: Universitária, 2001. 206p.
- MELO, Moacir Camelo de. **Itinerário Histórico de Guarabira**. Artgraf, João Pessoa – PB, 1999.
- MELLO, José Octávio de Arruda. **A Paraíba das Origens à Urbanização**. Editora Universitária, UEPB Funape, João Pessoa – PB, 1985. 119p.
- MELLO, José Octávio de Arruda. **Guarabira Democracia, Urbanização e Repressão 1945/1965**. João Pessoa: Editora A união, 1998. 136p.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada_3ª ed.** _ São Paulo. Contexto, 2001.153p.

NASCIMENTO, Claudete Pereira do. **O município de guarabira e sua inserção na mesorregião do agreste paraibano: “uma rainha sem trono”** (Monografia). Guarabira: UEPB/CH, 2007.

RODRIGUEZ, A. M. **Produção e Consumo do e no Espaço: problemática ambiental urbana**. São Paulo: Hucitec, 2000.

SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Editora Hucitec. 1996.

SILVA, Lígia Maria Tavares da. **Memória e Intervenção Urbana: o caso do Ponto de Cem Réis no centro histórico de João Pessoa - PB**. Recife, 1995. (dissertação de mestrado apresentada ao departamento de geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco).

SOUZA, Antonio José de. **O Pássaro Que Come Peixe**. Guarabira, 1995.

Declaração

Eu, _____, declaro para os devidos fins de direitos que as informações dadas por mim a Edinaldo Ferreira de Sousa graduando do curso de geografia (UEPB CAMPOS III), podem ser usadas em seu trabalho de conclusão de curso.

Assinatura:

Guarabira, _____ de 2011.